

A TRÍADE MITOLÓGICA DE WAGNER RIBEIRO

SANTOS, Lílian Damasceno.

acsadsd@yahoo.com.br

MATOS, Luís Manuel Estrela de. (Orientador)

Graduado em Comunicação Social, Mestre em Literatura Brasileira,
Prof. Do curso Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

estreladematos@terra.com.br

RESUMO

Desde os primórdios da existência humana, o mito está entrelaçado a cultura da humanidade, seja ele explícito ou não. Tendo como objetivo a apresentação da tríade mitológica de Ribeiro e a sua importância literária e sócio-cultural, este artigo apresenta de forma simples, uma amostragem das obras: Cantares do Mar Egeu, A angústia de Zeus e Memorial do aedo. Os dados aqui apresentados baseiam-se numa pesquisa bibliográfica exploratória através de livros, publicações periódicas, entrevista, ou seja, toda fonte bibliográfica segura que verse sobre o tema trabalhado. O leitor dessas obras terá não só um cenário mítico, mas uma visão do universo social do homem.

A TRIÁDE MITOLÓGICA DE WAGNER RIBEIRO

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade apresentar o trabalho de um poeta sergipano, de coração e por herança, trazendo aos olhares acadêmicos seu estilo poético, inspirado na mitologia grega, apresentada pela tríade: *Cantares do Mar Egeu*, *A angústia de Zeus* e *Memorial do aedo*. A poesia de Ribeiro é de uma beleza que se impõe ao leitor, foge à banalidade, e é de uma linguagem altamente rebuscada, tudo isso com um olhar contemporâneo. Não é objetivo deste artigo fazer uma análise criteriosa da obra de Ribeiro, apenas uma amostragem para exposição do seu trabalho.

Sendo o universo das obras de Ribeiro a mitologia grega, foi feita uma pesquisa bibliográfica exploratória através de livros, artigos científicos, publicações periódicas, entrevista, ou seja, toda fonte bibliográfica segura que verse sobre o tema trabalhado. Também serão utilizadas pesquisas e/ ou documentários publicados que estejam de acordo com conceitos literários e versem sobre o universo da pesquisa e/ ou o tema da pesquisa e/ ou sobre o autor sergipano Wagner da Silva Ribeiro.

Em fim, os padrões estão não para serem a verdade absoluta, mas para serem guias. Esse é um poeta de versos perfeitos, elevados e acima de tudo sonhador, que rompe com as regras do precisar ser obscuro, tecnicamente utilizada pelos poetas de ocasião.

O que se pretende é demonstrar a presteza dos versos poéticos de Ribeiro, principalmente o seu olhar contemporânea sobre a mitologia grega, através das suas obras *Cantares do Mar Egeu*, *A angústia de Zeus* e *Memorial do aedo*.

O MITO

No momento em que o Brasil busca a sua identidade através das várias culturas que constituem essa nação, através das culturas indígenas, culturas afro, japonesa, além das raízes ibéricas, Ribeiro nos chama a atenção para a cultura greco-romana, através dos mitos. E qual seria a importância da mitologia greco-romana para a cultura brasileira?

De acordo com Junito de Souza Brandão, doutor em Literatura Grega, a cultura greco-romana contribui principalmente na interação entre nossas raízes judaico-cristão e a cultura japonesa de domínio patriarcal e, as culturas indígenas e negras de domínio matriarcal. Como a formação étnica do Brasil compreende várias raças e estas por sua vez, munidas de seus costumes e crenças, toda e qualquer fonte que contribua para melhor entender essa diversidade é bem vinda, assim por que não observar através de uma cultura que também reúne uma grande diversidade, como é a greco-romana.

Brandão exemplifica culturas que foram beber da fonte mitológica da Grécia para encontrar na transição entre as culturas matriarcais para patriarcais e como foi essa convivência:

A árvore mítica judaico-cristã foi buscar em outras culturas o material imaginário necessário para implantar a transição patriarcal do Self Cultural e encontrou, na Mitologia Grega, uma fonte inesgotável de símbolos de convivência com as forças da natureza. O Ocidente reencontrou na Grécia não só uma cornucópia de mitos matriarcais, como também inúmeros padrões mitológicos de convivência destes símbolos matriarcais com os patriarcais. (BRANDÃO, 1995, P.11)

Nota-se que, o conhecimento da cultura greco-romano só tem a contribuir com o entendimento das diversidades culturais que constituem a identidade brasileira.

Na visão de Ribeiro (informação verbal)¹ O mito é sempre atual, apesar de mudar alguns fatos, muitas coisas permanecem, como a história dos primórdios, os primeiros conflitos humanos, o relacionamento do homem com a natureza, com a divindade e termina refletindo no relacionamento entre os homens. Como o homem primitivo diante dos fenômenos da natureza, acabava por endeusar esses fenômenos naturais, principalmente por não ter o conhecimento científico à cerca desses, constituía assim a sua cosmogonia, e isso foi comum a todos os povos. Considerando também que a cultura grega influenciou todo o mundo ocidental, e o Brasil recebeu, por conseguinte, essa influencia através dos colonizadores, não há o que se estranhar numa leitura da mitologia grega.

Nesse sentido, a cultura greco-romana, através de sua mitologia, vem a contribuir de forma concreta na identificação da identidade cultural brasileira, pois o mito, símbolo maior, dentre outros como as crenças, os costumes, as leis, as obras-de-arte, o conhecimento científico, os esportes, as festas, entre outros, o mito se destaca devido à profundidade e abrangência com que funciona no processo de formação do Consciente Coletivo. Brandão expõe muito bem isso:

O mito é uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. O mito expressa o modo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. Na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico, pelo contrário é ilógico e irracional. (BRANDÃO, 1995, p. 36).

Como era difundido o mito na Grécia, como esse símbolo portador do cotidiano social do além, sua genealogia, aventuras, conflitos, acordos, poderes, modo de ação, suas honras entre outros? Primordialmente, por uma tradição puramente oral passando de boca em

¹ Informação retirada de entrevista com o poeta Wagner Ribeiro.

boca, em cada lar, principalmente através das mulheres. Dessa forma os gregos assimilavam o mito desde o berço. Mas também pela voz dos poetas, que traziam, de uma forma familiar e acessível à inteligência, narrativa acerca das divindades.

Essa tradição ocupa lugar central na vida social e espiritual dos gregos. A narrativa poética tinha extrema importância, pois não era apenas instrumento de diversão, mas de conservação e propagação do saber, fazendo o serviço de memória social. Com uma forma verbal fácil de memorizar, as poesias épica, lírica e dramática ultrapassavam as particularidades de cada cidade, trazendo assim uma cultura comum.

Nesse contexto era retratada a história de uma cidade, de um povo desde sua origem até o tempo em que os deuses intervinham diretamente nos assuntos da humanidade, tanto para fundar as cidades como para decidir a linhagem dos futuros reis dessas cidades. Brandão reconhece a importância do poeta na propagação do mito:

A mitologia grega chegou até nós através da palavra, da arte figurativa e da literatura erudita, ou seja, em documentos de cunho 'profano', se bem que *profano* aqui no caso deva ser tomado em sentido muito lato, uma vez que poesia, arte figurativa e literatura erudita tiveram por suporte o mito. (BRANDÃO, 1995, P. 26).

O grande Helenista Jean-Pierre Vernant também ressalta a importância do poeta e seu trabalho artístico para a perpetuação do mito:

Sem dúvida, os outros poetas não tiveram uma influência comparável. Mas, enquanto a cidade permaneceu viva, a atitude poética continuou a exercer esse papel de espelho, devolvendo ao grupo humano a sua própria imagem, permitindo-lhe apreender-se na sua dependência diante do sagrado, definir-se em face dos Imortais, compreender-se naquilo que assegura a uma comunidade de seres perecíveis a sua coesão, a sua duração, a sua permanência através do fluxo das gerações sucessivas. (VERNANT, 1992, p. 24)

A obra de Ribeiro traz à tona esse personagem tão importante na antiguidade, em Memorial do aedo:

E cantei para o povo humilde. Logo
me convocava a elite aos seus salões
e eu recolhia ricas recompensas.
Eis senão quando constatei que os seus
Ouvidos exigiam novo canto:
lassos estavam dos meus poemas que
a pobre gente sempre embeveciam.
E ensinou-me meu pai que meu futuro

mais brilhante seria se outros temas ,
gratos aos grandes eu versasse: o que
pode fazer do aedo um grande artista...
E eu os deuses louvei com tal engenho
a arte que o canto meu emudecia
os êmulos (oh! Quantos retomaram
à sementeira, às armas, aos rebanhos,
aos negócios da polis, a misteres
mais próprio de metecos e servis).
O Olimpo me sorria: as oferendas

em música e palavras contentavam
mais que o sangue vertido nos altares.
Eu dizia do caos que se ordenara,
de como a noite prepara o dia,
de como Urano fecundara Geia,
de como Crono, emasculando o Pai,
fez-se o Senhor; dos filhos que gerou (RIBEIRO, 2005, p. 39)

Observando atentamente os versos de Ribeiro percebe-se que o aedo (poeta), modifica o seu canto (poema) de acordo com a platéia para quem se apresenta. Dessa forma é fácil deduzir que o mito, que não se enquadra num tempo determinado, ou seja, se desloca livremente no tempo e no espaço, multiplicando-se através de um número infinito de

episódios, foi delimitado para corresponder aos desejos poéticos do aedo e principalmente os desejos de seu público. Brandão entende que os mitos gregos foram profundamente alterados pelos poetas, “Para reduzir um mitologema a uma obra-de-arte, digamos, a uma tragédia, o poeta terá que fazer alterações, por vezes violentas, a fim de que a ação resulte única, se desenvolva num mesmo lugar e “caiba” num só dia.” (BRANDÃO, 1996, p. 26).

Por toda essa interferência, os gregos, pressionados pelos filósofos e historiadores, questionam de modo radical o problema da verdade ou falsidade do mito. Muitas foram as correntes que se detiveram em dismitizar e dessacralizar o mito, dessas destacou-se no séc. IV a.C., o Epicurismo, que procurava libertar o homem do temor dos deuses e da necessidade do destino. Mas surgiu a alegoria, o evemerismo, além dos iletrados que se agarravam cada vez mais à tradição religiosa, a religião que defendia seus deuses, mas foi o cristianismo, ao adotar da mitologia significantes e símbolos, com intenção de atrair os pagão, que perpetuou o mito. Brandão deixa isso bem evidente em:

Sob muitos aspectos o Cristianismo salvou a mitologia: dessacralizou-a de seu conteúdo pagão e ressacralizou-a com elementos cristãos, ecumenizando-a. Quando se pensa na homologação, por parte do Cristianismo, das tradições religiosas populares é que os fatos se tornam mais nítidos. “Cristianizados, deuses e locais de culto da Europa inteira, na feliz expressão de Mircea Eliade, receberam eles não somente nomes comuns, mas também reencontraram, de certa forma, seus próprios arquétipos e, por conseguinte, seu prestígio universal. Uma fonte da Gália, sagrada desde a pré-história, por causa da presença de uma figura divina local ou regional, torna-se santa para toda a cristandade, após ser consagrada à Virgem Maria. De regional e provincial, a mitologia tornou-se universal. (BRANDÃO, 1995, p. 33).

Seja como forma, o mito perpassou as fronteira e segue cumprindo o seu propósito fundamental, retratar o mundo e o homem, ou seja, perpetuar a herança das vivências das gerações anteriores, guardando assim a identidade de todos os homens, seja qual for a época e o lugar onde tenham vivido.

WAGNER RIBEIRO

Na Bahia, mais precisamente em Ilhéus, nasce Wagner da Silva Ribeiro em berço esplendido, pois é filho de José da Silva Ribeiro filho, um ilustre cidadão sergipano, poeta e membro da Academia Sergipana de Letras, e Joana Brandão da Silva Ribeiro.

Cresceu em meio à poesia de seu pai e tantos outros poetas. Tanto inspirado pela convivência quanto por sua veia poética que já aos seis anos, já morando em Sergipe, escreveu sua primeira poesia, a pedido de seu pai, que admirou o poeta nos dias de hoje por sua metrficação perfeita, empiricamente o menino poeta já assimilava as rimas, ritmo, e medidas poéticas.

Na juventude escrevia poesia satírica e humorística. Aos dezessete anos é aprovado para o curso de Direito na UFS, despontando como aluno brilhante, em pouco tempo já trabalhava na Junta de Conciliação e Julgamento (Justiça do Trabalho) de Propriá, mas em meio a tantas ocupações, não parou sua produção poética, agora se dedicava ao epigrama e depois a poesia metrificada e rimada.

Na Universidade de Lyon, na França, especializou-se em Direito do Trabalho, sendo aprovado com louvor.

Seu primeiro livro, *AD VERSUS*, publicado em 1980, livro intitulado pelo poeta como livro de busca, onde se encontravam sonetos decassílabos, rimados e não rimado, epígrafes, quadrinhas e outros, mas isso não o satisfez. Escreveu um livro de sonetos e submeteu a leitura de um amigo, que o encorajou a escrever algo mais profundo, por saber da sua capacidade.

Ao se aposentar como Juiz da Justiça do Trabalho em Aracaju, fez uma releitura da mitologia e decidiu seguir o conselho do amigo e escrever algo de maior profundidade. Escreveu assim *Cantares do Mar Egeu*, que trata do casamento entre o amor divino, representado por Eros, e o amor terreno, representado por Psiqué, sendo premiado pela União Brasileira de Escritores e Consulado Grego do Rio de Janeiro, com o Diploma do Mérito Cultural e pela Academia Mineira de Letras - Prêmio Emílio Moura, que foi julgado pelos acadêmicos Aluysio Pimenta, ex-ministro da Cultura do Governo Itamar Franco, Afrânio Moreira Duarte e Danilo Gomes.

Depois nos presenteou com *A angustia de Zeus*, onde mostra o sofrimento de Zeus diante da união de Eros e Psiqué e da possibilidade de perder seu trono. Também é premiado pela Academia Mineira de Letras - Prêmio Lacyr Schettino.

Recentemente, lançou *Memorial do aedo*, obra de valor crítico elevado, trazendo a visão do poeta a cerda do divino e o poder que representa. Assim termina a trilogia mitológica de Ribeiro, trazida através de uma linguagem altamente rebuscada, de formas perfeitas e principalmente de alta representação literária e social.

Wagner da Silva Ribeiro ocupa a cadeira de número 11 na Academia Sergipana de Letras, antecedido por seu pai o poeta José da Silva Ribeiro Filho. Casado com a ilustre Sra. Ivana Maria Almeida da Silva Ribeiro e tem dois filhos Wagner e Fernando, que seguem a linha jurídica do pai.

Ribeiro é muito versátil, vai do haicai, quadrinha, martelo, cordel a uma obra complexa como os poemas clássicos, além de ser muito intuitivo e eclético em suas leituras. Esse sergipano de coração é além de um grande jurista, um poeta versátil, onde na atualidade brinca de escultor, como aos seis anos brincava de poeta.

CANTARES DO MAR EGEU

Cantares do Mar Egeu é um lindo poema épico, de metrificação perfeita inspirado pela mitologia grega, dividido em quatro partes: canto introdutório, canto de Afrodite, canto de Eros e Psiqué e o Himeneu. Trata da união do amor divino, Eros e o amor de alma, a humana Psiqué.

O primeiro livro da trilogia mítica de Ribeiro apresenta em seu canto inicial uma pista importante acerca da linha condutora da obra, “conjunção/ dos opostos no sonho de unidade/ num ser que não será uno jamais. / Doce-amarga ilusão de completude, / a semente é a semente, a terra...terra,/ enquanto busca houver de complemento/ deve ser Afrodite celebrada.” (RIBEIRO, 2001, p. 13). Tem-se então um anseio, um desejo, a busca do complemento, do outro que é parte de si.

Afrodite, nascida do sêmen de Urano (Céu) que ao cair no mar foi fecundado, deusa da beleza e do amor carnal, chega ao Olimpo acendendo paixões, ciúmes e inveja entre os deuses. Aos homens doava a chama do amor carnal, lascivo, voluptuoso, despudorado, fomentando assim grandes junções carnis na terra. Mas o amor de Afrodite, que acendia as paixões, e seus templos de humanos corpos a se darem em amor, não preenchia os corações.

Ribeiro delicia o leitor com o rebusco e a gentileza com que escreve os versos a respeito desse mundo mitológico,

Pronta ela estava para o Olimpo e, pois,
 com passos lentos, adentrou a sala
 da mansão imortal vendo reunidos
 os que a viram surgir das brancas águas.
 Nunca um vestido tão pouco encobriria...
 sentiu-se nua, ali, diante da corte.
 Feliz por isso, abriu-se num sorriso
 de malícia e promessas; e, meneando

as fartas ancas, toma assento, enfim,
para sossego de Hera² e seus silêncios... (RIBEIRO, 2001, p. 17)

Logo um duro golpe sofreu Afrodite, pois do céu uma gota de orvalho cai na terra e de um ventre humano nasce Psiqué, ainda mais bela e viçosa que ela. Seus templos esvaziam e todos agora celebram a nova Afrodite mais humana,

Sim; os homens, em seu filoneísmo,
no exaltar a princesa, se excederam:
tendo a flor já por fruto sazonado,
viram Nova Afrodite na Psiqué,
cuja beleza tanto contemplavam...
Se era Afrodite; e nova; e, mais, humana,
Chegava para a antiga suplantar
Na beleza, no dar-se loucamente,
Na inspiração de tórridos amores.
Esqueciam-se os templos de Afrodite. (RIBEIRO, 2001, P. 27)

Cantar de Afrodite, a deusa enfurecida, canta a Zéfiro³ sua tristeza e ira por tal afronta, relata as antes sofridas e delata do amor dispensado aos deuses e aos homens. Em seu desabafo, Afrodite revela o motivo que culminou na Guerra de Tróia. Zeus abre concurso, por exigência de Hera e Atená⁴, para saber qual a deusa mais bela do Olimpo, à vencedora um Pomo de Ouro, mas como não correria o risco de desagradar em seu julgamento passou a missão a Páres⁵, que foi seduzido pelas concorrentes a julgar por elas. “Eu, não: só me fiz

² Hera – filha dos Titãs Crono e Reia, irmã de Zeus que lhe tomou como esposa, reinava o Olimpo ao lado de seu marido Zeus.

³ Zéfiro –filho de Urano e Geia, deus do vento.

⁴ Atena – filha preferida de Zeus e Métis. Zeus engoliu Metes grávida para que seu futuro filho não o destronasse, assim Atena nasce da cabeça de Zeus. Deusa da guerra, da estratégia e da tática.

⁵ Páres –filho de Priamos, rei de Tróia, e Hecuba. Ao raptar Helena, esposa de Menelau rei de Esparta, originou a Guerra de Tróia.

mostrar-me como sou,/ porque a um justo juiz isso bastava./ Porém disseram que a ele prometi/ o amor de Helena... de que era senhor:/ se governava Esparta Menelau,/ no coração de Helena era rei Pares.” (RIBEIRO, 2001, p.45).

Assim por causa da inveja de Hera e Atená desencadeou-se a Terrível Guerra de Tróia, da qual Afrodite se exime de culpa, “Saibam todos que o horror daquela guerra/ em que a Ílion querida sucumbiu/ é obra de duas deusas mal-amadas:/ a que proclama ser a esposa honesta,/ a guardiã dos legítimos amores:/ e a outra, a virgem pura.” (RIBEIRO, 2001 p. 47), e revela o quanto o Olimpo perdeu seu status de poder: “Zeus, convém/ em que Tróia marcou nosso declínio,/ que o alto Olimpo, ali, muito baixou-se./ Ares⁶, o Deus da Guerra, perdeu a guerra/ e, ainda, por lança vil do vil Diomedes⁷/ é ferido nos campos de batalha...” (RIBEIRO, 2001, p. 51).

Afrodite termina seu canto engendrando uma vingança terrível contra sua rival Psiqué. Pediu a seu filho Eros⁸ que execute seu plano: “Vai, meu filho, procura uma princesa/ que se chama Psiqué, que o teu veneno/ faça com que ame, arrebatadamente,/ o mais horripilante e feio monstro/ e dele seja para todo o sempre.

Assim começa o Cantar de Eros e Psiqué, da tentativa de Eros em atender o pedido de sua mãe. Esse canto se divide em quatro partes: O oráculo; A prisão dourada; A inveja e Os trabalhos. Eros, que veio para ferir, foi ferido, ao ver Psiqué, embevecido por sua beleza, perde o controle de seu arco e é ferido por sua própria flecha.

Psiqué se deixa conduzir ao sacrifício, ser entregue a um monstro horripilante, para aplacar a ira divina, por sua beleza impar, como orientou o oráculo de Apolo,

⁶ Ares – filho de Zeus e Hera, deus violento da guerra.

⁷ Diomedes –filho de Ares, herói grego, companheiro de Ulisses durante a Guerra de Tróia

⁸ Eros –filho de Afrodite e Ares, deus do amor.

Que injustiça me fazes, Afrodite!
 Jamais colhi louvor por querer,
 juguete sou de poderosos deuses
 _ criadores não consultam as criaturas.
 E, mais, te juro, deusa, que também
 Jamais amei: eu virgem trago os olhos,
 A boca, a mente, o coração; não só
 A flor que eu quis guardar para um Amado
 Que fosse meu na terra e além da morte,
 E que não pude ver no meu caminho! (RIBEIRO, 2001, P. 69)

Do quinto ao último verso da estrofe acima, se constituem a diferença fundamental entre o amor divino representado por Afrodite e o amor humano representado por Psiqué. Enquanto Afrodite é o amor físico, desejo, paixão, Psiqué é o amor de alma, que transcende o plano físico e vai além da morte. Esse é o ponto chave desse poema mitológica tão bem apresentada por Ribeiro.

Eros percebe em Psiqué o que os mortais já sabiam, e que o havia tomado, “Eros, ao longe, ouvindo esses pensares/ da inditosa princesa, sabe ao certo/ de quem partira o sopro que o ferira/ _que só o amor permite que se escute,/ em meio ao pranto de uma multidão/ e a cânticos de dor, u, pensamento.” (RIBEIRO, 2001, P. 71). Agora tomado desse amor, interfere no destino de Psiqué ajudado por Zéfiro.

A noite chega, onde nada se revela, pois é só trevas. Assim será o amor de Eros e Psiqué, o mesmo não pode ser revelado ao mundo, traria a si a ira e inveja de muitos. Também trevas para Psiqué, que não conhecia o rosto do amado que a visitava em meio à escuridão da noite, e antes que o sol pudesse revelar a face do amante, esse partia de sua presença.

Eros, amor travesso, usava suas flechas para trazer confusão e discórdia. Deus do amor? Era o deus das traições, usava seu poder para vingar-se dos que não o satisfaziam, “que Eros, a quem criei qual neto meu,/ tem gozado bastante a juventude,/ com excessos que todos deploram./ Homens e deuses esse adolescente/ sagitário feriu, fazendo crer/ que era Amor a paixão tórrida e louca” (RIBEIRO, 2001, p.129). Agora aprisionado, em estado de metamorfose, assim como uma lagarta se transforma em uma borboleta. Sua prisão, a mesma que aprisionava a alma de Psiqué, que oscilava entre confiar ou não no amado, não sabia ela que a confiança é o pilar do amor.

As Três últimas partes em que se divide o cântico de Eros e Psiqué, relata a transição, metamorfose, pela qual os jovens amantes passam, o entrelaçamento, a junção do amor divino e humano. Através do sofrimento, provocado pela inveja das irmãs de Psiqué e posteriormente pela ira de Afrodite, faz com que se descubram um no outro, se completem, se faltem sem o outro, os amantes amadurecem.

Foi no mesmo salão em que Afrodite
pela primeira vez foi recebida
que a divina assembléia teve início.
Desta feita, porém, era uma humana
Beleza que o Olimpo acolhia,
Que, por Hermes trazida __ ordem de Zeus __,
Adentrava Psiqué, com mui graciosos
Passos. Os olhos todos a contemplar;
Mas os seus estão presos num só rosto
Que os olhos tem pregados nele só. (RIBEIRO, 2001, p.127)

Com a estrofe acima, se inicia o Himeneu. Nos últimos quatro versos, confirma-se a diferença principal entre Psiqué e Afrodite, “Nunca um vestido tão pouco encobrirá.../ sentiuse nua, ali, diante da corte./ Feliz por isso, abriu-se num sorriso/ de malícia e promessas; e,

meneando/ as fartas ancas, toma assento, em fim,” (RIBEIRO, 2001, P. 17) Uma fidelidade, alma, o amor que espera, a outra lascívia, carnal, a urgência.

Ainda mais nos revela o Himeneu. Agora Eros e Psiqué são um só. O Olimpo do amor carnal e fugaz, agora tem alma, ora, o que os deuses não deram aos homens, os homens o deram aos deuses. Agora o amor esta completo em si, não é só divino, também é humano.

Ora sabes que Amor não é só desejo;
 nem somente a beleza do teu rosto
 e dos cachos de mel dos teus cabelos
 e das asas graciosas que te dei:
 o amor que satisfaz somente o soma
 é chama que se apaga, nada mais,
 porque alma lhe faltando, falta o Bem...
 e Amor é Belo, o Bem, Felicidade.
 Mostra aos homens o que és, quem sabe um dia,
 Isso dirão de ti, nalgum Banquete... (RIBEIRO, 2001, p.137)

Cantares do Mar Egeu termina revelando que mais que uma união entre um deus e uma princesa, Zeus mostrou aos deuses o que lhes faltava, e ao homem, o que ele já tinha.

5 A ANGÚSTIA DE ZEUS

*A angústia de Zeus*⁹ se inicia com o casamento de Eros e Psiqué, onde Zeus traz da terra o que faltava ao Olimpo. Isso é mais do que aparenta, e o fio condutor perpetua-se, o sentido de completude.

⁹ Zeus –filho do Titã Crono e Réia – Senhor do céu, rei dos deuses, comandava as estações e os dias, o trovão, as nuvens e as chuvas. Casado com Hera, mas era um deus de muitos amores.

O segundo livro da trilogia está dividido em quatro cantos, sendo o primeiro canto a continuação do Himeneu de *Cantares do Mar Egeu*.

O Olimpo em êxtase não se apercebe do olhar perdido de Zeus. O todo poderoso, pai dos deuses, soberano, entra em profunda reflexão. A união de Eros e Psiqué, não era só a união do amor em si, tinha muito mais profundidade, mas ninguém o tinha percebido, apenas o soberano que proporcionou a união sabia até onde podia alcançar e suas possíveis conseqüências.

O deus supremo viaja ao passado e lembra de como seu avô¹⁰ foi destronado por seu pai e como também ao seu pai¹¹ ele destronou, mostrando a fragilidade dos potentes deuses, assim demonstrando a sua própria fragilidade, conseqüentemente, o seu medo de sofrer o mesmo golpe.

Zeus se afasta dos comemorativos, com ele só os pensamentos, ele que era o maior dos deuses, não podia ser visto em uma transfiguração de angústia. Os pensamentos que envolvem o deus refletem sua fragilidade e a dependência que tem os deuses do homem, “Sinto pesar-me o tempo e o coração me diz/ que está na humanidade a salvação do Olimpo.” (RIBEIRO, 2003, p.29) .

Ribeiro conduz o primeiro canto de forma a apresentar para o leitor, através da reflexão de Zeus, o cotidiano tão pouco celestial e sublime dos deuses e o quanto a visão suprema não enxerga a si mesmo, “Ah quando em jogo tenho o meu destino,/ olho e não vejo, como se o excesso/ de luz o olhar cegasse; eu, que sou Luz,/ hoje sei que há delíquios luminosos...” (RIBEIRO, 2003, p.39). Mas o sono vem e com ele talvez o Supremo consiga o seu futuro ver.

¹⁰ Urano –filho de Gaia, a Terra, deus céu, pais dos Titãs, avô de Zeus.

¹¹ Crono –filho de Urano e Gaia, Titã esposo de Réia e pai de Zeus.

Prometeu¹² talvez tenha a resposta, pois antes já percebera que os mortais tinham a resposta que os altos céus buscava, e por levar ao homem a centelha celeste (inteligência) foi punido severamente por Zeus, “Ou será Prometeu que o sono lhe visita/ e ensina ao Luminoso o que, com luz exata,/ pôde ver no Poder o que o Poder não viu?” (RIBEIRO, 2003, p.41).

“As cortinas de dobras milenares vão-se abrindo, uma a uma.” Ribeiro inicia o segundo cântico abrindo as cortinas da existência, e tudo se revela ao Supremo, então vê os reinos de seu avô e de seu pai, mas vê também o futuro e o traidor, Hermes¹³, o que o sucederá no trono, e a queda da Grécia e ascensão do Império Romano. Com o Império Romano, a mudança na nomenclatura e hierarquias dos deuses e o nascimento do cristianismo, “Zeus viu três reis viajarem, longamente,/ em busca de uma humilde manjedoura/ em que nascera um Deus que se fez homem/ para ao homem trazer a salvação.”(RIBEIRO, 2003, p.67).

O terceiro canto traz de início as caravelas portuguesas aportando ns novas terras. O poeta não usa de gentileza ao depor os percalços da humanidade desde a “descoberta” das novas terras até o dia em que o homem chega a lua. Seus versos são fortes, penetrantes, não se passa por qualquer deles sem sentir dor, ou fúria, tristeza, até alegria. Mais que uma narração de fatos, um desabafo:

Uma águia imensa é abrute de Hermes-Ares,
 Temes é parte e gládio sem balança.
 O Império dita as regras do universo
 que ele mesmo descumpre, impunemente.

Visíveis transgressões a olho *nu*
 Não são vistas. O Império a si se julga
 e é sempre absolvido... Ó Liberdade,
 tu que habitaste o Reino de Saturno (RIBEIRO, 2003, p.109)

¹² Prometeu –filho do Titã Jápeto e da ninfa Clímenes, sempre tomou partido dos homens contra os deuses.

¹³ Hermes –filho de Zeus e de uma ninfa, Maia, deus da viagem, negócios, e achava objetos desaparecidos.

Além de todo o enredo fantástico do poema, Ribeiro presenteia o leitor com riquezas de vocábulos, com grandeza de conhecimentos mitológicos, pois navega todo o mundo mítico sem deixar escapar nem um dos grandes mitos. O leitor poderá viajar pelo universo mítico como um todo.

O último canto é o acordar do sonho revelador. Esse canto é tão ou mais belo que os outros. Zeus faz uma análise de tudo que lhe foi revelado, e do que deve ser feito para impedir que as ambições dos filhos e da esposa possam destroná-lo.

O que realmente fora revelado nesse sonho, além do iminente risco de ser destronado, que o mesmo mal de que perecia a humanidade, também os deuses sofriam, cobiça, prepotência, a ira, e o desamor. A solução, Zeus já conhecia, era Prometeu, o único que sabia que do homem era o poder de perpetuar o divino, através do amor:

porque lhe ensinou a grande religião,
mostrando que o himeneu que celebrara,
como lição aos deuses, fracassou;

que, em lugar de trazer Psiqué ao Céu,
Eros deveria à Terra ter confiado.

Todo grande Poder não sabe amar...(RIBEIRO, 2003, p. 149)

6 MEMORIAL DO AEDO

Toda a visão de mundo e consciência de sua própria história (sagrada e/ ou exemplar) é, para este grupo social, conservada e transmitida pelo canto do poeta. [...] O aedo se põe ao lado e por vezes acima dos basileis (reis), nobres locais que detinham o poder de conservar e interpretar as fórmulas pré-jurídicas não-escritas e administrar a justiça entre querelantes e que encarnavam a autoridade mais alta entre os homens. (HESÍODO, 1986, p.15)

Tomando como base o pensamento de Hesíodo a cerca da importância do aedo (poeta) para a sociedade, compreende-se o *Memorial do aedo*, que encerra a trilogia de Ribeiro, como a visão do poeta a respeito de si, do homem e da divindade e a importância desse olhar crítico.

O Memorial do aedo está dividido em cinco cantos, sendo que no primeiro o aedo retrata o esforço dispensado para escrever na argila suas memórias, sem a inspiração das musas, e do desejo de que um dia seja revelado a outros através de um poeta. Mas que isso, o aedo já demonstra, sua preocupação com o que o passar do tempo fará com a memória de sua Hélade¹⁴, modificada ao prazer dos dominantes,

A todo aquele que me ler, já rogo
 que não debite aos poetas as mentiras
 que lhe chegarem da aventura humana;
 e entenda que nos poetas a mendácia
 é modo de dizer muita verdade
 (toda ela, quando menos, é biface
 e a história é escrota pelos vencedores
 heróis. Heróis? Ah! Quantos o serão?
 Muito da história humana assim se escreve
 E há de sempre escrever-se: por primeiro

criamos os feitos; os heróis depois).
 E se não fossem os poetas, gentes, tatos,
 mitos que a mente humana ocuparão,
 por séculos e séculos, perdidos
 sob a poeira dos tempos jazeriam. (RIBEIRO, 2005, p.21)

O aedo reflete sobre a ótica de quem se é registrada a história da humanidade e o que de real está contido nela, e a importância das outras fontes na conservação de uma possível história mais próxima do real.

Ao iniciar o segundo canto já se vê de forma mais clara o fio condutor da tríade, a busca da completude, desta vez não só de si em outro, seja ele mortal ou imortal, mas em si

¹⁴ Hélade –Grécia.

mesmo e sua existência: “[...] se aqui não descobrir quem sou, que são/ a humanidade, os deuses, os mistérios/ do mundo, não será na grei dos homens/ que respostas bastantes eu terei.” (RIBEIRO, 2005, p.27).

A natureza que cerca o poeta o inspira, “Tempo feliz, de límpidas manhãs,/ a natureza em festa me inspirava,/ a fauna e a flora por seus deuses __ cria __/ ouvindo o canto meu, também cantavam.” (RIBEIRO, 2005, p.33). No entanto o aedo se enche de vaidade, volta à polis e canta para a elite exigente de versos mais apurados. Logo cantava a preço alto e já não mais o seu canto, mas o desejo alheio e bem pago, “E minha arte aluguei aos abastados,/ carregando de cores os seus pá-/ lidos feitos, tecendo-lhes virtudes,/ seus crimes ignorando. E que louvores/ nos seus salões lhes agitava à estirpe/ tanta vez nebulosa ou infame até;” (RIBEIRO, 2005, p.43).

Mas o arrependimento chega ao aedo, que resolve retornar aos pastos, mas já não era o mesmo, duvidava se foi acaso que Prometeu a centelha celeste trouxe ao homem, ou se o Pai o consentiu secretamente. Esse é um ponto essencial da trama, onde o poeta põe a prova a existencialidade do divino.

O terceiro canto revela a origem dos deuses, e desmistifica a divindade, Zeus foi só um grande rei que por seu brutal poder foi divinizado. O mar chama o poeta que vai, em busca de mais respostas, e em sua viagem confere a si e não aos deuses o seu percurso, canta agora o homem simples, e a ingenuidade desses que crêem que a crueldade dos abastados é a vontade divina. No entanto o poeta procura no templo uma revelação que lhe restaure a fé, mas o templo vazio de um deus vazio não o podia responder.

Segue no quarto canto dizendo dos templos empoeirados, agora não mais por sua falta de fé, mas pela ciência que extingue um a um dos olímpicos. Ainda revela o que aflige a humanidade, “[...] a princesa porque domasse a Amor __ divino __/ e alma lhe desse? Tarde,

vejo nessas bodas/ a explicação de tanto desamor que aflige/ a humanidade: o Olimpo nos roubou o sopro/ que crêramos divino e era somente nosso.”.

Abre-se o último canto atando-se ao fim do canto anterior onde o poeta vislumbra a existência de um Deus só “[...] E hei de buscar a crença num deus justo,/ único, e não-conceito __ eterno, pois./ Eu só concebo um deus de todo sempre;” (RIBEIRO, 2005, p.105), inicia com a visão do Éden e dos Mandamentos.

“Não busquei o domínio da Verdade,/ eu só quis ser pastor das minhas dúvidas;/ se picadas abri, não foram longe,/ numa floresta imensa de aporias.” (RIBEIRO, 2005, p.125) O quinto canto termina revelando ao leitor que cada ser é único e é dentro de si que encontrará as respostas para o que nessa obra foi o fio condutor, mas também nos dá uma pista: “Até que um dia pude sentir que/ o verso, como cada ser no mundo,/ há de ser sempre único; por mais/ que uma unidade a outra se semelhe,/ algo só é idêntico a si mesmo” (RIBEIRO, 2005, p.31). Percebe-se que o homem em si já é completo e que o mal da humanidade não é a falta de nada e sim o mal que acometia a Zeus o excesso.

7 CONCLUSÃO

Como o objetivo do artigo é tão somente apresentar a obra de Wagner Ribeiro, e o universo que a envolve, a mitologia grega, estamos certos de que foi alcançado esse objetivo de forma satisfatória.

A tríade de Ribeiro é de uma beleza estética impressionante, e chama a tenção pela força e vigor com que constrói cada verso, dando ao leitor, cada palavra lapidada de seus versos, a sensação estar vivenciando a história. Além de conduzir a uma reflexão acerca da existência humana, seus valores, conflitos, e sua relação com o divino.

Conclui-se que um leitor da tríade de Ribeiro tem que ter no mínimo um conhecimento básico do universo grego, mas isso não inviabiliza a leitura por um leigo, pelo contrario, ofertará a esse, no mínimo, uma leitura agradável e o interesse acerca da mitologia. Que mesmo abordando superficialmente, essas obras terão material suficiente para uma reflexão acerca dos valores humanos.

Foi verificado que o autor percebe os deuses um tanto pelo olhar de Homero e Hesíodo. Deuses antropomorfizados, subordinados à soberania de um deus maior, Zeus. Ao invés de seres assustadoras e terríveis, os deuses se apresentam cheios de luz, os quais agem e se comportam como seres humanos, mas muito maiores nas qualidades e nos defeitos, sem o temor de ir além do limite, tem princípio, mas não tem fim, imortais mas não eternos. Deuses humanizados que não só interferem, mas participam do dia-a-dia dos homens.

Nota-se que se podem dar muito mais interpretações a sua obra além das apresentadas pelo pesquisador desse artigo. Cada leitor vai encontrar um mundo diferente ao ler suas obras.

Conclui-se em fim que o mito faz parte do homem, é atemporal, e nada mais criativo que trabalhar o inconsciente coletivo através do mito. A obra de Ribeiro vai além dos quatro cantos desse artigo. “É preciso que o povo pague pela loucura desses reis que, com tristes desígnios, falsificam seus decretos com formulas torcidas.” (Hesíodo, p. 260)

REFERÊNCIAS

- Bíblia Sagrada.** Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 1996. 1027p.
- ABNT. **NBR6023:** informação e documentação: elaboração: referências. Rio de Janeiro, 2002. 24p.
- _____. **NBR10520:** informação e documentação: citação em documentos. Rio de Janeiro, 2002. 7p.
- _____. **NBR14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 6p.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** Petrópolis: Vozes, 1996. 3v.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia.** 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. 417p
- COLLI, Giorgio. **O nascimento da filosofia.** Campinas: Unicamp, 1988. 98p.
- GANDON, Odile. **Deuses e Heróis da Mitologia Grega e Latina.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. 285p.
- HOMERO. **Ilíada.** Tradução Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2004. 532p.
- HESÍODO. **TEOGONIA a origem dos deuses.** Tradução Jaa Torrano São Paulo: Roswitha Kempf, 1986. 159p.
- RIBEIRO, Wagner. **A angústia de Zeus.** Aracaju: Sercore, 2003. 152p.
- _____. **Cantares do Mar Egeu.** Aracaju: J. Andrade, 2001. 100p.
- _____. **Memorial do aedo.** Aracaju: Sercore, 2004. 130p.
- SAMPAIO, Aluysio Mendonça. **A poesia de Wagner Ribeiro.** Revista da literatura brasileira. n. 37, p. 3 – 8, 2005. 48p.
- UNIT. **ESTRUTURA DO TCCII:** artigo científico. Aracaju, 2005. 4p.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga.** Campinas: Papirus, 1992. 98p.
- _____. **As origens do pensamento grego.** 5. ed. São Paulo: Difel, 1986. 95p.